



## **Percepção das campanhas de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST): o caso da Comunidade do Orkut “Papiloma Vírus Humano”.<sup>1</sup>**

Laura Oliveira Ribeiro<sup>2</sup>  
Benedito Dielcio Moreira<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

### **Resumo**

Trata-se de um estudo de caso realizado na comunidade do Orkut “Papiloma Vírus Humano-HPV”. Foram analisados os diálogos disponíveis no fórum, as enquetes e a página inicial da comunidade, em que estão descritas, a importância e a finalidade da criação da comunidade, as regras, o número de participantes, as comunidades relacionadas, entre outros. A partir dessas informações será realizada uma análise netnográfica sobre a percepção e importância das campanhas de prevenção as doenças sexualmente transmissíveis, considerando as informações retiradas da comunidade.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Saúde; DST; Orkut; Redes Sociais.

### **Corpo do trabalho**

A sexualidade sempre esteve presente na vida das pessoas, em cada momento da história com um significado diferente. O ser humano se comporta com relação a sexo de formas distintas, dependendo de sua idade, cultura e meio em que vive. Por isso, quando o assunto é doenças sexualmente transmissíveis percebe-se que não existe forma de erradicá-la, porque independente das diferenças, as pessoas não irão deixar de ter relações sexuais, a menos que tenham feito votos de castidade.

As relações sexuais desprotegidas são as responsáveis pelas doenças sexualmente transmissíveis. A função das campanhas de prevenção às DST é de transmitir informação, esperando que as pessoas se identifiquem com a mensagem e contribuam para o controle e a quebra do ciclo de disseminação das doenças. Mesmo com as campanhas e ações diversas do Ministério da Saúde ainda há um grande número

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFMT, e-mail: laurinha27@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMT, e-mail: dielcio@hotmail.com



de contágios, o que pode ser um indício de alguma falha na comunicação das campanhas com o público em geral.

Este estudo, portanto, busca compreender a percepção dos membros da comunidade “Papiloma Vírus Humano” sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Inicialmente a estratégia para compreender qual a percepção dos participantes da comunidade sobre as campanhas de prevenção às DST era a de realizar um grupo focal online com um grupo de mulheres entre 16 e 25 anos, integrantes da comunidade e que já tivessem tido algum contato com as campanhas de prevenção às DST. O contato foi estabelecido por meio do fórum da comunidade. Depois do primeiro contato foi formulado o convite para que as pessoas participassem. Para motivar a formação do grupo foi destacada a importância da participação das mulheres, uma vez que o debate poderia ajudar outras pessoas a se prevenir do HPV - “Papiloma Vírus Humano” e seria uma oportunidade de expressão do pensamento, de opiniões e experiências de vida. No entanto, não foi obtido êxito. Apenas duas pessoas responderam ao chamado. Uma disse que não presta atenção nas campanhas, por isso não poderia participar, e a segunda apenas deixou registrada a idade e não fez mais contatos.

A netnografia é uma metodologia específica para estudos realizados na Internet (HINE, 2000).<sup>4</sup> A etnografia ou netnografia se caracteriza pela observação de uma comunidade na internet, é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos escrito por exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2001).

Pesquisas realizadas na internet possuem a desvantagem de não possibilitar o contato visual. No entanto, é um ambiente que possibilita que as pessoas fiquem mais a vontade para discutir assuntos, juntar um grupo com gostos ou atividades comuns nas redes sociais, ou seja, cria um novo comportamento social. Todos esses fatores demonstram que a internet é um campo seguro e propício para realizar pesquisas.

Ao acompanhar a movimentação da comunidade, e que os membros da comunidade continuavam interagindo, porém ignorando o chamamento para a pesquisa, foi possível perceber pelos diálogos o desconforto e a dor. Este tema é um assunto íntimo, que as pessoas preferem guardar e conversar no ambiente on-line somente com

---

<sup>4</sup> Retirado do artigo Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura, publicado no INTERCOM 2009. Escrito por Adriana Amaral, Geórgia Natal e Lucina Viana.



os participantes da comunidade, expressando solidariedade e contando suas experiências de vida. O papel do pesquisador, ou mesmo o modo como o grupo foi abordado, inibiu a vontade dessas pessoas de falarem sobre HPV e campanhas de prevenção. O grande desafio, ao pesquisador, é encontrar uma forma de ser aceito nesses espaços.

Com a negativa dos integrantes da comunidade, optou-se pela observação da movimentação na comunidade e a análise das informações disponíveis na comunidade, em especial aquelas que falam sobre história, dúvidas, locais e opiniões dos integrantes da comunidade. A partir dessas informações, foi possível identificar em quais espaços e meios as pessoas procuram se informar sobre as DST, e ainda compreender qual a importância e a eficácia das campanhas de prevenção.

O HPV é um dos maiores responsáveis pelos casos de câncer de colo de útero e também uma das únicas doenças que não é totalmente protegida pelo preservativo. E como boa parte das campanhas de prevenção dá ênfase na utilização da camisinha, é interessante discutir até onde isso auxilia na prevenção do HPV. Outro ponto discutido refere-se ao preconceito. A resistência das pessoas às campanhas de prevenção pode ser um dos fatores que justificam o aumento da disseminação das DST. É possível que opiniões consideradas senso comum, como, “isso nunca irá acontecer comigo”, influencie no momento de decisão de usar proteção nas relações. Ou então, quando as pessoas descobrem que estão com a doença, preferem não conversar, pois se sentem culpadas e envergonhadas. Por isso, procuram apoio e informações nas comunidades do Orkut, junto a pessoas desconhecidas que podem aconselhá-las sem julgamentos, porque também contraíram a doença.

Segundo o Ministério da Saúde, “Papiloma Vírus Humano” (HPV) é o nome dado a um grupo que inclui mais de 100 tipos de vírus. Essa doença é uma das maiores responsáveis pelos casos de câncer de colo de útero e também podem estar ligados a tumores de pênis, ânus, boca e garganta.

Segundo Nadal & Nadal:

“Os meios de prevenção mais comuns são os usos de preservativos, os quais diminuem o índice de contaminação pelo HPV, mas, não os impede. Valendo ressaltar que, a abstinência de qualquer prática sexual, é o meio mais seguro de prevenção” (NADAL & NADAL, 2008 in ENCINA; ALVES, 2009, p. 12)

Considerando o modo de vida das pessoas e o contágio silencioso da doença, a abstinência sexual não é uma opção. Uma pessoa infectada, mas com o vírus inativo



pode se surpreender depois de alguns anos sem relações sexuais com a presença do vírus em seu organismo, caso seu sistema imunológico esteja frágil. O sexo é uma necessidade natural do ser humano (RENA, 2006) e a opção pela abstinência é mínima.

Para amenizar O HPV foram criadas algumas vacinas, mas nem todas estão disponíveis no Brasil. A aplicação da vacina é o melhor meio de prevenção contra o HPV. No entanto, essa técnica não é muito conhecida e é de alto custo, inacessível para a maioria da população brasileira e, principalmente a de baixa renda. Com esse quadro, torna-se preocupante a falta de orientação e prevenção da população, o que poderá elevar, significativamente, o número de contágios por HPV.

Todos estão susceptíveis a contrair HPV como confirma a pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz:

“O Papiloma Vírus Humano (HPV, na sigla em inglês) causa lesões em uma em cada quatro adolescentes um ano após o início da atividade sexual, de acordo com um estudo da pesquisadora Denise Monteiro, do Instituto Fernandes Figueira (IFF) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Além disso, há a probabilidade de o vírus alcançar 40% das mulheres em cinco anos de vida sexual. Mas os homens não ficam de fora das estatísticas. O HPV contamina 75% das mulheres e dos homens sexualmente ativos, mesmo sem manifestação, de acordo com a médica do Instituto de Ginecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Michele Pedrosa. (LEONI, 2009)

“O HPV atinge 20% a 30% da população mundialmente nos dias de hoje. A cada ano, ocorrem aproximadamente 510 mil novos casos de câncer de colo de útero, com 288 mil mortes por ano em todo o mundo — o que significa que aproximadamente metade das pessoas que têm câncer de colo do útero morre. A doença tem maior incidência entre mulheres com idades entre 35 e 49 anos.” (LEONI, 2009 apud MS, 2008<sup>5</sup>)

As pesquisas mostram que é o momento propício para incluir as campanhas de prevenção às DST com mais frequência, além de gerar mais discussões sobre as especificações de cada doença. Com a prevenção, há grandes chances da quantidade de diagnósticos de Doenças Sexualmente Transmissíveis diminuir.

A forma de prevenção mais segura é a utilização do preservativo durante todas as relações. No entanto, a cadeia de transmissão termina somente quando o portador da doença é tratado e passa a usar preservativos em todas as relações.

---

<sup>5</sup> Essa citação foi retirada da cartilha “Ações de enfermagem para o controle do câncer.” <http://pt.scribd.com/doc/54469472/Acoes-de-Enfermagem-no-Controle-do-Cancer>



Segundo o Instituto Nacional de Câncer (2010), “estudos no mundo comprovam que 50 a 80% das mulheres sexualmente ativas serão infectadas por um ou mais tipos de HPV em algum momento de suas vidas”. Outra pesquisa que visava à viabilidade da aplicação de vacinas em mulheres após o primeiro parto, constatou que quase 60% das mulheres entre 15 e 24 anos, que acabaram de ter o primeiro filho, possuem a doença. Essa pesquisa foi realizada pela médica Cristina Helena Rama para seu doutorado pela Faculdade de Medicina da USP. Ela entrevistou e examinou 301 mulheres, cujo parto ocorreu no Hospital maternidade Leonor Mendes de Barros, ligado a rede pública estadual, localizado na Zona Leste de São Paulo.

O texto de descrição da comunidade Papiloma Vírus Humano -HPV diz que a comunidade foi criada com a intenção de trocar idéias, experiências, trabalhos na área médica sobre HPV e ajudar aconselhando as pessoas com palavras de conforto e bom astral. Esclarece também que recados ofensivos ou repetidos e fotos fora do contexto da comunidade serão apagados.

Em seguida, acrescentam mais algumas palavras que demonstram solidariedade e interesses em informações em comum: “Estamos no mesmo barco...Sabemos exatamente a dor que o outro sente, pois a sentimos..Então, por sempre termos algo a contar, sente-se, puxe uma cadeira, tome um chá e vamos conversar..e muito...”

A comunidade Papiloma Vírus Humano foi criada em 21 de outubro de 2004, aberta para não-membros, mas é moderada, ou seja, é possível ter acesso as informações sem ter o perfil vinculado à comunidade. No entanto, para participar ativamente no fórum e nas enquetes é necessária a aprovação do dono ou dos moderadores da comunidade. Não é possível contabilizar a quantidade de homens e mulheres, pois a página do Orkut atualiza muito rapidamente. A cada pessoa que se conecta os nomes que estão na lista se misturam. Mas é possível perceber pelas imagens do perfil, que aparecem tanto no “visualizar membros” quanto nas respostas dos fóruns, que uma parte considerável dos perfis são falsos, os chamados “fakes”.

“Fake” é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário. São criados geralmente com o intuito de fazer amizades, conhecer pessoas com os mesmos interesses, participar de comunidades



privadas dando opiniões sem se identificar, evitando constrangimentos ou ameaças pessoais ao opinante. (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003<sup>6</sup>)

Os assuntos mais comentados nos tópicos são sobre os resultados de exames, algumas pessoas até postam seus diagnósticos antes de mostrar a seus médicos para saber qual é o resultado, pois estão aflitas e querem respostas o mais rápido possível. Também tem diálogos sobre os diferentes tipos de tratamento, os participantes contam detalhes de como foram atendidos, sobre a cauterização, pomadas, etc. As pessoas que já estão se tratando há algum tempo e tem um conhecimento considerável sobre a doença, acabam respondendo as perguntas de outros que acabaram de descobrir que estão infectados. Funciona como uma rede de informações.

Há também as discussões sobre os médicos que atendem as portadoras. Os integrantes da comunidade trocam contatos de profissionais da saúde e outros tiram as dúvidas com seus médicos apenas para responder na comunidade a alguém que não saiba onde encontrar respostas.

A primeira enquête selecionada da comunidade Papiloma Vírus Humana - HPV é sobre desejo sexual. A pergunta foi formulada dessa forma: “Depois do laudo de HPV, seu desejo sexual continuou o mesmo?”

Responderam a essa pergunta 237 pessoas: 32% disseram que seu desejo sexual não continua o mesmo e que passaram a evitar. 19% dizem que nunca mudou e 14% afirmaram que no início seu desejo sexual não continuou o mesmo, mas agora está normal. Isso demonstra como a doença modifica o comportamento das pessoas, deixando-as inseguras e sem vontade de ter relações.

A próxima pergunta da enquête selecionada é “Com qual idade você descobriu/adquiriu o HPV?”. Entre os 333 respondentes, 41% disseram que descobriram/adquiriram a doença entre 19-23 anos, 23% entre 16-18 anos, 18% na faixa etária de 24-28 anos e 8% informaram que descobriram a doença, entre 12-15 e com mais de 28 anos, respectivamente. Como não é possível ter certeza de quando a contaminação aconteceu, pois o vírus pode ficar inativo no corpo por muito tempo, a pergunta foi formulada dessa forma (adquiriu/descobriu). Os percentuais mostram que a maioria das pessoas que respondeu a enquête teve o diagnóstico de HPV com menos de 28 anos.

---

<sup>6</sup> POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. Teorias da comunicação: O pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Elsiar, 2003, p. 91



Na terceira enquete, a pergunta é “Para quem já fez tratamento: depois de algum tempo voltaram as lesões?”.

Entre as 309 pessoas que responderam: 31% disseram que as lesões não voltaram, 25% ainda não fizeram novos exames. Os exames são realizados de seis em seis meses para ter certeza de que o vírus está inativo. 14% afirmaram que as lesões já voltaram várias vezes, 12% disseram que elas apareceram uma vez e depois não mais, 8% responderam duas ou três vezes e por fim 6% disseram não saber, pois há anos não fizeram novos exames.

A maioria das pessoas parece estar fazendo o tratamento e se cuidando para que as lesões não voltem. Exemplo disso é que 31% só tiveram a presença de lesões uma vez, e 25% estão aguardando o segundo exame para ter essa resposta. No entanto, 6% não fazem os exames há anos.

Dia 17 de maio de 2011, teve início uma conversa na comunidade sobre como as pessoas se sentem com relação ao sexo depois da descoberta do contágio pelo HPV. O primeiro depoimento é da “Priscila”. Ela inicia sua fala dizendo que não quer mais fazer sexo e que fará um desabafo na comunidade, pois é o único lugar em que pode fazer isso. Afirma que está com nojo de sexo e está com problemas com o namorado, porque ele acredita que é o responsável pela abstinência. Por fim, responsabiliza o diagnóstico de HPV, de três anos, pelo desconforto com o namorado e a repulsa por sexo.

No mesmo tópico, “Júlia” se manifestou em forma de desabafo. Ela também afirma não ter mais vontade de relações sexuais e não quer falar para as pessoas que contraiu HPV. Insiste para que seu namorado use camisinha, mas não consegue convencê-lo em todas as relações e também não tem coragem de contar que contraiu a doença.

“Teresa” se manifesta para confortar as mulheres, dizendo que essa falta de vontade de sexo é resultado de um estado depressivo em que elas se encontram por terem descoberto o vírus. Garante que a vida irá voltar ao normal e é apenas uma fase que muitas pessoas da comunidade já passaram e sobreviveram.

Nesse tópico apenas um homem escreveu. Ele disse que sexo aumenta a possibilidade de contrair DST e quem quisesse evitar deveria parar de fazer sexo. E completou: “Sexo hoje em dia é algo perigoso, mas eu continuo insistindo em praticar esta roleta russa muito raramente, claro, e com camisinha.”

As pessoas expressam em seus textos seu medo, desespero e falta de informação. Em dois momentos é possível perceber que a comunidade é o único local seguro na



concepção dessas pessoas, para comentar e perguntar sobre HPV e suas vidas sexuais. Um deles é quando a primeira mulher faz a afirmação: “a comunidade é o único lugar em que posso desabafar”, o outro, está no discurso da segunda mulher nesse trecho: “não quero falar para as pessoas que contraí HPV”.

A cadeia de transmissão do HPV termina somente quando o portador da doença é tratado e passa a usar preservativos em todas as relações, o que não acontece no caso de Júlia. A agonia entre os participantes da comunidade com as lesões e a contaminação fica perceptível quando eles desenvolvem métodos de prevenção e praticam automedicação.

Em um trecho retirado de um dos tópicos, “Carlos” afirma que não estava agüentando mais as verrugas na boca e no rosto e as arrancou com os dedos e finalizou seu comentário perguntando se isso pode causar câncer. Outro exemplo de é a colocação de uma mulher, perguntando se passar álcool em gel no parceiro na área escrotal e coxas aonde a camisinha não protege pode impedir que ele se contamine. Depois de diversas respostas negando a eficácia desse procedimento, ela insiste dizendo que então irá cobrir as lesões com esparadrapo. Nesse caso há uma distorção nas informações que a mulher possui, pois ela afirma: “já que é o contato que transmite o HPV, o esparadrapo cobre e não é incomodo.”

Alguns participantes afirmam que depois dos diagnósticos de HPV procuraram informação no GOOGLE, existe um tópico que aborda justamente esse assunto. “Maria” diz: “evitem ficar vendo esses sites que só assustam, se querem tirar dúvidas procurem lugares confiáveis, aqui na comunidade ou com seu médico. Digo por experiência própria, pois quando eu descobri a primeira vez que eu tinha hpv fiquei olhando esses sites e quase fiquei louca com tanta coisa absurda.”

“Vanessa” acrescenta: “como o dia da consulta com o médico sempre demorava, ia pesquisar na internet e achava esses sites horríveis que não dão nenhuma esperança. Falam que quem tem HPV é promiscuo e não tem higiene.”

Em seguida “Ana” opina: “Gostei muito da comunidade, mas percebi que li tantas coisas que ao invés de me ajudar acabei piorando e ficando deprimida. Em um dos meus ‘desesperos’ conversei com o meu médico e ele pediu para eu parar de consultar o ‘Dr. Google’ e similares.”

Por fim, “Flavia” faz um comentário bem humorado agregando uma nova palavra para a busca de doenças na internet: “procurar tudo sobre doenças na internet tem um nome ‘HIPOCONDRIA DIGITAL’, é uma epidemia mundial e preocupa.”





O “GOOGLE” é um dos maiores portais de busca existentes, ele procura e disponibiliza páginas da internet com uma ou mais palavras-chave. No entanto, ele não é o responsável pela inserção das informações, não é possível rastrear todos os sites e dizer quais são confiáveis ou não. O que dificulta julgar a credibilidade dos portais, sites e blogs.

As campanhas de prevenção às DST em geral focam no uso da camisinha, porém o preservativo não protege 100% do contágio pelo HPV. Os índices demonstram um aumento considerável de contaminações e observando as discussões das pessoas na comunidade, é possível perceber que elas desconhecem a doença e quando são diagnosticadas ficam deprimidas e perdidas.

Tratar de doenças que se enquadram em Doenças Sexualmente Transmissíveis transmitem desconforto por conta do preconceito que envolve esse tema. O que dificulta a transmissão de informação para as pessoas, elas se intimidam e evitam imaginar que há possibilidade de contrair alguma DST.

Como exemplo da dificuldade em enfrentar o HPV, está uma moça de 20 anos que contou sua história em um dos tópicos. Aos 20 anos, “Renata” encontrou o amor de sua vida, mas acabou descobrindo que estava com HPV e seu namorado se sentiu culpado por seu passado. Ela publicou o resultado de seu exame, e afirmou que segundo a médica quando não tem verruga não tem tratamento. Sua mãe não reagiu bem ao saber do diagnóstico e tratou-a mal.

Ela recebeu diversas respostas no mesmo dia na comunidade. “Alana” tenta confortá-la dizendo que sua mãe reagiu assim por desespero, em seguida a orienta sobre a melhor forma de se cuidar para que as verrugas não voltem e o HPV fique inativo. “Beatriz” aconselhou-a a procurar outras opiniões, pois segundo seus conhecimentos, as informações da médica não conferiam e também falou sobre a falta de informação e preconceito que rondam o HPV.

A próxima troca de mensagens é de uma mãe preocupada com a sua filha. “Lúcia” procura entre os perfis presentes na comunidade se há alguém que more em Recife, para indicar algum ginecologista para sua filha, pois ela teve uma experiência ruim no primeiro atendimento. Em seguida já recebe uma resposta, em que “Selma” manda o nome e o endereço em que ela pode encontrar o médico e ainda sugere que ela diga a sua filha para participar da comunidade.

Tanto a mãe “Lúcia” como “Selma” deram depoimentos importantes, um para o sistema de saúde e o outro para a importância da comunidade. A mãe em suas últimas



frases, diz o seguinte, “Estou preocupada com o emocional dela do que o próprio vírus”. Infelizmente o HPV, assim como várias outras doenças, causa certo impacto psicológico. A preocupação da mãe da garota é coerente, pois o estado emocional pode afetar o tratamento de sua filha. Essa não é a única reclamação de médicos na comunidade, muitas outras pessoas já relataram que foram tratadas com desprezo e grosseria.

Paiva fala sobre o comportamento dos médicos quando o assunto é sexo, segundo sua experiência:

“Sexo é um tema menos nobre para a academia e sempre foi um tabu para além do senso comum e da moral, inclusive para ginecologistas e urologistas ou psicoterapeutas que são as portas de socorro para a maioria da população que tem problemas nessa área. Eu poderia escrever outro livro só contando histórias que recolhi de pacientes e amigos, ou dos jovens participantes nessa pesquisa, sobre os absurdos que escutam em “nome da ciência”, nos divãs e consultórios, quando tentavam abordar sua vida sexual. (PAIVA, 2000)

Entre outras perguntas convencionais sobre os medicamentos, gravidez, captura híbrida e tratamentos, surgiu uma dúvida em que o participante postou a foto de seu pênis em um site com conteúdo adulto e disponibilizou o link na comunidade para saber a opinião das pessoas, pois ele não estava convencido do diagnóstico de seu médico.

Atualmente, há uma inversão de papéis principalmente quando se trata de internet, os médicos estão susceptíveis a ter seus diagnósticos reprovados por uma resposta no Google ou nesse caso por pessoas não especializadas que dão sua opinião a partir de uma fotografia.

As pessoas estão usando a internet como fonte de informação segura, mas como as participantes disseram anteriormente muitas dessas informações são equivocadas. E em nenhum momento os participantes da comunidade falaram uma vez sequer sobre campanhas de prevenção às DST. Mencionaram somente blogs, portais e sites na internet.

Em um balanço geral dos diálogos é possível afirmar que a maioria das pessoas recém diagnosticadas procura informação na internet, e acaba encontrando a comunidade Papiloma Vírus Humano. Elas não sabem os detalhes da doença e do tratamento. As pessoas que já participam da comunidade há algum tempo e fizeram o tratamento respondem as dúvidas e confortam contando como tudo aconteceu com elas na época em que descobriram a doença.



Algumas pessoas se arriscam com tratamentos caseiros alegando que não podem aguardar até o dia da consulta pelo incômodo das verrugas. Outras afirmam que adotam esses métodos por falta de dinheiro e plano de saúde, por isso não podem pagar o médico e medicamentos. O número de informações equivocadas na comunidade demonstra o pouco conhecimento de grande parte das pessoas que entram na comunidade para fazer perguntas e “indicar medicação”.

As campanhas de prevenção são essenciais para mostrar as pessoas qual é a melhor maneira de evitar, como agir em caso de contágio, quais são as formas de tratamento e outras informações relevantes possibilitem o aumento da prevenção e a quebra de transmissão. No entanto, não foi encontrado nenhum tipo de discussão de alguma informação retirada das campanhas. Podemos constatar que elas não chegaram até os participantes da comunidade Papiloma Vírus Humano ou os participantes não acharam relevante comentar, ou não atendem as expectativas dos portadores de HPV.

Seria interessante se as campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, além de abordar sobre prevenção, também investissem em combate ao preconceito. Há alguns anos atrás, o alvo do preconceito era a AIDS, atualmente as pessoas que tem HPV são tratadas como promíscuas.

É possível evitar a disseminação do HPV com os exames preventivos e mantendo a imunidade constante, no entanto, para isso as pessoas precisam deixar o medo e a insegurança de lado para cuidar da saúde. As campanhas de prevenção às DST poderiam trabalhar com o conceito de “qualidade de vida”. O termo DST tem uma carga de preconceito muito grande e pelo que a análise demonstrou, quando alguém descobre que está com HPV, por exemplo, sente-se culpado e com peso na consciência. É preciso libertar a concepção de sujeira e trazer as características das Doenças Sexualmente Transmissíveis para o convívio das pessoas para que elas percebam que é menos complexo do que parece, tem tratamento. E incentivá-las a ir ao médico para cuidar da saúde.

## Referências bibliográficas

Pimenta MC, Passarelli CAF, Brito I, Parker R. **As pesquisas sociais sobre sexualidade e AIDS no Brasil: entre a demografia e a cultura sexual (1980-2000)**. Em: ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS [documento na Internet]. [acessado 2011 jun 20]. Disponível em:

<[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/anais%20pesquisa%20em%20DST%20AIDS%2002.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20pesquisa%20em%20DST%20AIDS%2002.pdf)>



Moraes TCL, **Estudo de um programa de prevenção em DST/AIDS: a presença do jovem.** Em: Biblioteca Digital Ação Educativa. [documento na Internet]. [acessado 2011 jun 20]. Disponível em:  
<<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1851/1/tese.pdf>>

Encina G. M. A., Alves C. S. R. **Papiloma vírus Humano (HPV): sua relação com câncer de colo uterino.** Em: CORENPR – Conselho Regional de Enfermagem do Paraná. [documento na Internet]. [acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<[http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.corenpr.org.br%2Fartigos%2FPapiloma%2520v%25C3%25ADrus%2520Humano%2520\(HPV\)\\_Griselda\\_Maria\\_Avila\\_Encina.doc&ei=JKPaTarbKsbi0QHX\\_fj7Aw&usq=AFQjCNEZUr2rrXHFFNGXoC2Qij-EUbNATw&sig2=GDPwUEjg95GM7jP-Y7Y0g](http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.corenpr.org.br%2Fartigos%2FPapiloma%2520v%25C3%25ADrus%2520Humano%2520(HPV)_Griselda_Maria_Avila_Encina.doc&ei=JKPaTarbKsbi0QHX_fj7Aw&usq=AFQjCNEZUr2rrXHFFNGXoC2Qij-EUbNATw&sig2=GDPwUEjg95GM7jP-Y7Y0g)>

Mello G. R., Castro G., Reggiani, C. Carvalho, N. S. **Erotismo e Prevenção de DST/AIDS entre os adolescentes. Como atuam os meios de comunicação?**, Em: UFF – Universidade Federal Fluminense. [documento na Internet]. [acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<<http://www.dst.uff.br/revista17-2-2005/2-erotismo%20e%20prevencao.pdf>>  
DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2º. ed. 2008.  
Natansohn G. **Comunicação & saúde: interfaces e diálogos possíveis.** Em: Revista de Economia Política de las Tecnologías de La Información y Comunicación. [documento na Internet]. [acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<<http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/artigos/ac91b84bc163228f74ae2a291b80dd81.pdf>>

Sposito M. P., Carrano P. C. R. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** Em: Scielo Brazil. [documento na Internet]. [acessado 2011 jun 12]. Disponível em:  
<<https://docs.google.com/viewer?url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fbrbedu%2Fn24%2Fn24a03.pdf>>

ISAÚDE. **Mães de primeira viagem tem hpv, diz estudo.** Em: Portal Isaúde. [documento na Internet]. [acessado 2010 nov 10]. Disponível em:  
<<http://www.isaude.net/pt-br/noticia/2339/saude-publica/maes-de-primeira-viagemtem-hpv-diz-estudo>>

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 1 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999

MEDIC SUPPLY. **Vacina contra hpv previne câncer do colo de útero.** Em: Medic Supply – Empresa de assessoria e consultoria na importação de medicamentos. [documento na Internet]. [acessado 2011 nov 10]. Disponível em:  
<<http://www.medicsupply.com.br/pacientes/blog/vacina-contra-hpv-previne-cancerdo-colo-de-utero>>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DST, AIDS e Hepatites virais.** Em: Ministério da Saúde –



Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. [documento na Internet].[acessado 2011 maio 10].Disponível em:  
<<http://www.aids.gov.br/>>

Araújo I. **Cartografia da Comunicação em saúde. Em:** NING – The world’s largest platform for creating social websites. [documento na Internet].[acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<[http://api.ning.com/files/1N4Wst9iWuTqp0rmw4oYlKtQHpVNsg\\*MOtAGbdqDkCdRS2VknHM7rujsXUXPmoPEECOAw6mIsQGelFb2XE3nodsCIdRbjeU/CARTOGRAFIADACOMUNICAOEMSADE.PDF](http://api.ning.com/files/1N4Wst9iWuTqp0rmw4oYlKtQHpVNsg*MOtAGbdqDkCdRS2VknHM7rujsXUXPmoPEECOAw6mIsQGelFb2XE3nodsCIdRbjeU/CARTOGRAFIADACOMUNICAOEMSADE.PDF)>

Leoni F. **HPV: incidência de hpv é maior no primeiro ano de vida.** Em: Opinião e Notícia. [documento na Internet].[acessado 2011 nov 12].Disponível em:  
<<http://opiniaoenoticia.com.br/vida/saude/incidencia-de-hpv-e-maior-no-primeiro-anode-vida-sexual>>

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relatório Temático 2010 – DST e AIDS.** Em Ministério da Saúde – Portal da Saúde. [documento na Internet].[acessado 2011 mar 12].Disponível em:  
<[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio\\_dstaids\\_tematico\\_2010.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_dstaids_tematico_2010.pdf)>  
RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

Angeloni T. A. **Elementos intervenientes na tomada de decisão.** Em: Scielo Brazil. [documento na Internet].[acessado 2011 jun 20].Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15969.pdf>>  
Porto M. P. **Lutando contra a AIDS entre meninas adolescentes: os efeitos da Campanha de Carnaval de 2003 do Ministério da Saúde do Brasil.** Em: Scielo Brazil. [documento na Internet].[acessado 2011 jun 20]. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n4/26.pdf>>

Pitta A. M. R, Rivera F. J. U. **Sobre pontos de partida: planejamento em comunicação e integralidade da atenção em saúde.** Em: Scielo Brazil. [documento na Internet].[acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832006000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>

Recuero MGP. **Investigando possíveis impactos das políticas públicas de prevenção a DSTs/HIV em adolescentes.** Em: Biblioteca – Rede Tchê. [documento na Internet].[acessado 2011 jun 20].Disponível em:  
<[http://biblioteca.ucpel.tche.br/tedesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=165](http://biblioteca.ucpel.tche.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=165)>

UOL Notícias. **Possibilidade de contrair hpv chega a 80%, diz especialista.** [documento na Internet].[acessado 2011 mar 22]. Disponível em:  
<<http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/ultimas-noticias/2010/05/18/ate-80-das-pessoas-tem-contato-com-hpv-em-algum-momento-da-vida.jhtm>>. Acesso em [das-pessoas-tem-contato-com-hpv-em-algum-momento-da-vida.jhtm](http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/ultimas-noticias/2010/05/18/ate-80-das-pessoas-tem-contato-com-hpv-em-algum-momento-da-vida.jhtm)>